

INTRODUÇÃO

Quando, no fim do século XII, Chrétien de Troyes escreve o seu último romance, o enigmático «Conto do Graal», inaugura uma das mais férteis tradições literárias e estéticas do Ocidente. Emblema de soberania, relíquia cristã ou símbolo espiritual, este objecto inspirará inúmeras recriações ao longo da Idade Média, ressurgindo com o Romantismo. Já no século XX, o tema da demanda espiritual e as raízes pré-cristãs do Graal estimulam o imaginário *New Age*; a sua ligação à Idade das Trevas e a rituais de iniciação dá origem a uma abundante produção paraliterária. Mas foi sem dúvida o sucesso do *best-seller* O Código da Vinci, já no século XXI, que pôs o Graal na ordem do dia e nos *tops* de vendas. A extraordinária fortuna desta obra, que aposta de forma muito inteligente na diluição das fronteiras entre o real e o imaginário, inscreve-se numa vaga de renovação da literatura de divulgação científica (ou pseudo-científica) na área da história, da religião e do esoterismo, mas está também ligada a um renovado interesse pelo romance histórico. Não é simplesmente de literatura de evasão que se trata; há uma vontade cada vez maior de conhecer e compreender este mito tão importante da cultura Ocidental. Infelizmente, a informação disponível é quase sempre de segunda mão e raramente fiável: os textos medievais são muito pouco conhecidos e chegam ao grande público quase exclusivamente através de adaptações de fraca qualidade. Mesmo as grandes recriações do Romantismo tardio — as óperas de Wagner ou os poemas de Tennyson, nomeadamente — são muito referidas mas pouco lidas ou ouvidas.

Foi esta situação paradoxal — o interesse demonstrado por um público muito vasto, a par de graves deficiências de informação — que nos levaram a organizar, em colaboração com dois docentes de Literatura Medieval da Faculdade de Letras (os professores José Carlos Miranda e John Greenfield) e graças à ajuda e entusiasmo de muitos estudantes e colegas, um ciclo de actividades em torno do Graal, que intitulámos «O Graal — ficções de ontem e de hoje» e que consistiu em duas conferências (por José Carlos Miranda, sobre

a tradição francesa (e portuguesa) dos romances medievais do Graal e por John Greenfield, sobre as recriações wagnerianas do mito do Graal), um ciclo de cinema, uma mesa-redonda e a exposição que agora apresentamos e que intitulámos «O Graal - dos Românticos aos *Geeks*».

O objectivo fundamental desta exposição era dar a conhecer não apenas os textos medievais (tanto edições preparadas por eruditos, como traduções e adaptações de qualidade, que existem em grande número na biblioteca da FLUP), mas também as recriações do mito do Graal que, depois de um longo interregno de mais de trezentos anos, começaram a surgir a partir do séc. XIX na literatura de língua inglesa, francesa, alemã e portuguesa. Além disso, embora com menos exaustividade, pretendíamos também expor algumas representações do Graal e dos seus heróis no âmbito das artes plásticas (marcadas sobretudo pela obra dos pré-rafaelitas e dos seus émulos) e reinterpretações filosóficas e/ou esotéricas do mito: os estudos universitários sobre todo este material ficaram em geral de fora, pois exigiriam o dobro do espaço expositivo; optámos por incluir apenas as obras cujos autores reflectiam, não sobre textos ou outras obras de arte (*), mas sobre o mito do Graal em si e a sua evolução no imaginário do Ocidente.

Na verdade, o que nos interessava era dar conta das múltiplas e diversificadas manifestações e reinterpretações deste mito, ainda hoje actuante, mesmo para além da literatura e das artes tradicionalmente acolhidas na Universidade, nomeadamente na música mais recente, na publicidade, na Internet e nos jogos de computador. Por isso, fizemos um levantamento de *sites* com alusões ao imaginário graaliano, disponibilizando-os para consulta no espaço da exposição. A abundância de referências ao Graal e ao seu mundo testemunham, também nestas áreas mais inovadoras, a enorme difusão e transversalidade deste mito.

Para a realização desta exposição foi fundamental o apoio da biblioteca da Faculdade de Letras do Porto (que adquiriu algumas obras fundamentais e cedeu a simpática ajuda de muitos dos seus funcionários, nomeadamente a

experiência e sentido estético da Dra. Isabel Pereira Leite) e também a colaboração de alguns colegas e estudantes de pós-graduação e doutoramento, apaixonados pela Idade Média, que emprestaram livros, percorreram catálogos e bibliografias, visitaram alfarrabistas e editoras, sempre à procura de uma referência - por discreta que fosse - ao Graal. É da maior justiça agradecer a Maria do Rosário Ferreira, Elsa Vieira, Filipe Alves Moreira, Mariana Leite e Isabel Correia.

(*) No presente catálogo, onde as limitações de espaço são menores, optámos por incluir também esses estudos.

Ana Sofia Laranjinha

Joana Gomes